DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO NO E PARA O MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Jussara Alves Da Silva¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5728-2051>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo traçar um breve percurso relacionado à educação para as relações étnico-raciais no município de Juiz de Fora, abordando os desafios e possibilidades a partir das experiências da Supervisão de Atenção à Educação na Diversidade (SE/DIAE/SAEDI), no contexto do curso de formação continuada "Roda que Roda - Educar para as Relações Étnico-Raciais," que atualmente está em sua décima turma. Inicialmente, fornecemos um breve histórico sobre a evolução da formação voltada para a temática racial na rede municipal. Em seguida, apresentamos a metodologia aplicada no curso de formação continuada e destacamos análises preliminares sobre os desafios enfrentados e as oportunidades que surgiram em relação a práticas formativas antirracistas. Com este artigo, nosso objetivo é evidenciar os esforços da rede municipal de educação em formar sua equipe pedagógica no sentido de promover uma educação antirracista e pluriversal.

Palavras-Chave: Relações Étnico-Raciais. Educação para as Relações Étnico-Raciais. Formação continuada antirracista.

ABSTRACT

This article aims to outline a brief path related to education for ethnic-racial relations in the municipality of Juiz de Fora, addressing the challenges and possibilities based on the experiences of the Supervision of Attention to Education in Diversity (SE/DIAE/SAEDI), in the context of the continuing education course "Roda que Roda - Educating for Ethnic-Racial Relations," which is currently in its tenth class. Initially, we provide a brief history of the evolution of training focused on racial issues in the municipal network. Next, we present the methodology applied in the continuing training course and highlight preliminary analyzes of the challenges faced and the opportunities that emerged in relation to anti-racist training practices. With this article, our objective is to highlight the efforts of the municipal education network to train its pedagogical team to promote anti-racist and pluriversal education.

Keywords: Ethnic-Racial Relations; Education for Ethnic-Racial Relations; Continuing anti-racist training.

¹ Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Educação para as Relações Étnico-Raciais (UFJF) e aperfeiçoamento em Relações Raciais (UFF). Graduada em Pedagogia (UFJF). E-mail: tutorajussara@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Para se educar uma criança é preciso uma aldeia inteira.
Provérbio Africano

A educação voltada para as relações étnico-raciais tem sido de grande valor para a rede municipal de educação de Juiz de Fora. Ao longo dos anos, esta temática esteve interseccionalmente² integrada às questões da diversidade em seu amplo espectro. Em alguns momentos, o assunto teve um destaque mais pronunciado nas discussões, enquanto em outros, manifestou-se de maneira mais sutil. Entretanto, essas variações não indicam uma hierarquização das pautas, mas talvez reflitam a confluência de diversos desafios enfrentados pela rede.

No que tange à sua trajetória histórica, é relevante mencionar as iniciativas enriquecedoras relacionadas à temática étnico-racial desenvolvidas ao longo dos anos. Destaca-se, por exemplo, o notável projeto “Escola de Ábá”³, concebido e implementado na rede municipal de Juiz de Fora no ano de 2007 pelo NAEDS - Núcleo de Atenção à Educação na Diversidade. Tal projeto contou com a contribuição de profissionais notáveis e suas equipes. No entanto, com a descontinuação do núcleo, as questões relacionadas a esta pauta passaram a ser abordadas de maneira transversal e pontual. Apenas em 2016, com a iniciativa da SAEDI - Supervisão de Atenção à Educação na Diversidade, que faz parte do Departamento de Inclusão e Atenção ao Educando - DIAE, foi reacendida a perspectiva de um eixo dedicado exclusivamente às relações étnico-raciais dentro da supervisão.

A educação das relações étnico-raciais no município de Juiz de Fora tem evoluído continuamente, enfrentando desafios e adaptando-se às necessidades emergentes. Inicialmente, o eixo se concentrou em atender às demandas provenientes das escolas. Isso envolvia proporcionar formações em reuniões pedagógicas e intervir em situações onde práticas pedagógicas, inadvertidamente, perpetuavam estereótipos negativos ou discriminação.

² A interseccionalidade é um conceito teórico que destaca a complexa interação entre diversas formas de identidade e opressão (Crenshaw, 1989; Collins, 2015).

³ Notícias relacionadas ao Projeto Escola de Ábá podem ser consultadas no Portal da PJF/MG: <<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?data=22/3/2007&modo=link2&idnoticia2=13162>>; <<https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=13230>>.

Posteriormente, surgiu a oportunidade de desenvolver um curso estruturado, focado na educação das relações étnico-raciais, suas teorias, conceitos e práticas. Este curso foi intitulado “Roda que Roda - Educar para as Relações Étnico-Raciais” e liderado por profissionais dedicados que atuavam na rede municipal tanto na própria secretaria de educação quanto nas escolas. Eles foram auxiliados por outros especialistas convidados para dirigir rodas de conversa e oficinas práticas.

Com o passar dos anos, o curso foi remodelado, transformando-se em uma formação docente prático⁴, enriquecendo-o com pretagogias⁵, escrevivências⁶ e narrativas afroindígenas nas oficinas sempre focadas nas relações étnico-raciais. Desde então, o curso tem sido oferecido semestralmente pela Supervisão de Atenção à Educação na Diversidade (SE/DIAE/SAEDI), com a única interrupção durante o período da pandemia que o transformou em encontros remotos síncronos.

Não podemos deixar de mencionar um grande avanço em relação à formação continuada antirracista municipal, que foi a abertura do curso “Formação Interseccional: Relações Étnico-Raciais, Gênero e Sexualidades nas Escolas e Creches” dentre as formações virtuais oferecidas em 2021, e que agora encontra-se em sua segunda edição (em andamento neste ano de 2023) contemplando mais discussões valiosas em relação à educação inclusiva.

É preciso mencionar ainda, que iniciativas de outras supervisões da Secretaria de Educação não entraram nessa pesquisa, mas deixamos aqui nosso reconhecimento em relação a contribuição de todas as ações, sistematizadas em formato de cursos ou não, como por exemplo as formações direcionadas pelas técnicas que acompanham as escolas em relação aos projetos pedagógicos e a implementação da legislação entre outras lives formativas, reuniões pedagógicas e rodas de conversa abordando a temática étnico-racial.

A seguir compartilharemos o referencial teórico que embasa tanto as oficinas práticas do curso “Roda que Roda - Educar para as Relações Étnico-Raciais”, cujo objetivo principal é ser um espaço de trocas de experiências, vivências práticas, tanto da “Formação Interseccional” enquanto espaço de formação conceitual para

⁴ O termo "prático" deriva de "praxis", que se refere à aplicação de teorias ou conceitos na prática do mundo real.

⁵ PETIT, 2015.

⁶ O termo "escrevivência" é uma construção linguística que combina as palavras "escrever" e "vivência". Ele foi cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo para descrever a experiência de vida de afrodescendentes, especialmente mulheres negras, no Brasil, por meio da escrita e da literatura (EVARISTO,2017).

docentes e gestores(as) de todos os segmentos em relação à educação para as relações étnico-raciais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Aquele que aprende, ensina.
Provérbio Etíope

Tanto o projeto Escola de Ábá (2007) quanto os cursos de formação “Roda que Roda - Educar para as Relações Étnico-Raciais” (2016) e a “Formação Interseccional” (2021/2023) subsidiam a educação para a promoção da igualdade racial enquanto política pública de combate ao racismo bem como a efetivação da Lei 10.639/2003, ampliada pela Lei 11.645/2008, ambas alterando a LDB 9.394/1996 trazendo a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afroindígena nas escolas.

No âmbito do projeto citado, 95 escolas da rede municipal (quantitativo de escolas na ocasião) receberam em 2007 um CD-ROM contendo diretrizes e materiais pedagógicos destinados a promover a igualdade racial. Esses materiais foram projetados para incentivar ações que visavam à promoção da igualdade racial e, ao mesmo tempo, possibilitar o estudo da legislação vigente, atendendo às orientações apresentadas pelas diretrizes educacionais do município naquela época.

Na mesma linha, os cursos de formação “Roda que Roda – Educar para as Relações Étnico-raciais” e a “Formação Interseccional” tiveram e têm como proposta abordar questões acerca das relações étnico-raciais na escola, bem como seus desdobramentos práticos, transitando entre referenciais conceituais e relatos de experiências tanto da formadora e palestrantes convidados quanto das(os) próprias(os) cursistas. Também propõem uma série de estudos sistematizados das temáticas e discussões atuais em relação a educação para as relações étnico-raciais de uma forma ampliada, abrangendo as diversas minorias étnicas, não somente em contexto local, de modo a realizarmos uma discussão alargada em relação à importância de se entender a promoção da igualdade racial sem restrição de discurso ou viés unilateral.

A legislação específica acerca das temáticas étnico-raciais também é abordada, bem como sua implementação e possíveis desafios. Demandas específicas oriundas das escolas em que as(os) cursistas atuam também são trazidas aos debates de modo a partilhar-se experiências, anseios e intervenções exitosas para superação das possíveis barreiras encontradas à educação antirracista.

O fio condutor, para além da legislação vigente, diretrizes curriculares, normativas específicas e a troca de experiências positivas, são os onze valores civilizatórios afro-brasileiros que, conforme Trindade (2010) representam um conjunto de princípios, tradições e saberes que foram forjados ao longo da história pelas comunidades afrodescendentes no Brasil. Estes valores incluem a valorização da ancestralidade, a resistência e resgate da memória, a solidariedade através do cooperativismo e comunitarismo, a religiosidade afro-brasileira (que alargamos para afrodiáspórica, originária e ameríndia), bem como a luta contra o racismo e a promoção da interculturalidade. Azoilda Loretto da Trindade destaca a importância de reconhecer e respeitar esses valores como elementos fundamentais na construção da identidade afro-brasileira e na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, onde a contribuição histórica e cultural das comunidades afrodescendentes seja devidamente apreciada e celebrada.

No âmbito deste artigo, o primeiro valor civilizatório afro-brasileiro que examinaremos é o da circularidade. Não se trata de estabelecer hierarquias de importância entre esses valores, pois uma abordagem contra-hegemônica não deve fazê-lo; ao invés disso, busca-se criar uma estrutura didática para a apresentação desses princípios. A circularidade nos traz uma visão de mundo profundamente interconectada, fundamentada na crença da continuidade e do ciclo infinito da vida, bem como das nossas relações humanas e espirituais. Ela simboliza a interligação de todos os seres e a reverência pela natureza, pois reconhecemos que somos parte intrínseca dela. Este conceito se manifesta como uma metáfora poderosa, representando a harmonia, a interdependência e a eterna renovação que permeiam as nossas valiosas culturas ancestrais.

A religiosidade também é um aspecto inerente à interculturalidade e representa um dos valores civilizatórios afro-brasileiros essenciais em uma

educação que busca ser antirracista e pluriversal⁷. Como Nelson Mandela (2003) destacou, “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. O reconhecimento e a valorização das diversas manifestações religiosas assim como o direito constitucional à não religiosidade, desempenham um papel fundamental em um sistema educacional voltado para a promoção da igualdade racial, interculturalidade e antirracismo. Essa abordagem cria um ambiente verdadeiramente inclusivo e enriquecedor, que espelha a rica diversidade da sociedade brasileira, fomentando, assim, o respeito e contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, além de promover a compreensão das diversas expressões culturais presentes no país. Desta forma, a educação se revela uma poderosa ferramenta na luta contra o racismo estrutural, oferecendo uma base sólida para a interculturalidade na perspectiva antirracista, onde incansavelmente almejamos a justiça e a construção de uma sociedade verdadeiramente diversificada.

A corporeidade enquanto valor civilizatório afro-brasileiro, desempenha um papel crucial na educação, transcendendo barreiras culturais como uma fundamental abordagem que busca promover a igualdade racial, reconhecendo a diversidade dos corpos que, ao mesmo tempo, são singulares e plurais. Nesse contexto, a educação se torna uma ferramenta poderosa na construção de uma sociedade intercultural e antirracista. A valorização da corporeidade vai além da mera inclusão; ela engloba a celebração das diferenças físicas, das identidades culturais e étnicas e do respeito mútuo. Ao incorporar a corporeidade na educação, criamos um ambiente que reflete e respeita a multiplicidade de experiências de vida e culturas. Assim, a educação se transforma em um instrumento que não apenas busca a justiça e equidade, mas também empodera os indivíduos a apreciar e entender as diversas perspectivas culturais, promovendo o respeito, a empatia e a tolerância na sociedade.

A musicalidade também é um valor civilizatório ancestral e desempenha um papel essencial na educação intercultural, promovendo simultaneamente a igualdade racial e uma perspectiva antirracista. Por meio da música, não apenas ensinamos conceitos, mas também aprendemos sobre as diversas culturas que compõem nossa sociedade. As canções e ritmos de diferentes tradições culturais

⁷ O termo "pluriversalidade" descreve a coexistência e interação de diversas perspectivas, sistemas de conhecimento e realidades culturais em um contexto global diverso (NOGUERA, 2012).

são veículos poderosos para a transmissão de histórias, valores e experiências únicas. Além disso, as vibrações sonoras podem ser terapêuticas e desempenhar um papel fundamental na promoção do bem-estar nas mais diversas perspectivas culturais. Integrar a musicalidade na educação não só enriquece o currículo, mas também fomenta a compreensão e o respeito pelas diferentes manifestações culturais, fortalecendo, assim, os valores de igualdade racial e antirracismo em nossa sociedade.

Já o cooperativismo e o comunitarismo como valores civilizatórios afro-brasileiros, desempenham um papel crucial na educação para as relações étnico-raciais, refletindo lições valiosas de nossa ancestralidade. Esses valores nos lembram que somos seres interdependentes e que precisamos uns dos outros para viver plenamente. Através do cooperativismo, aprendemos a importância da colaboração e da solidariedade, buscando a equidade e a justiça em comunidade. O comunitarismo nos ensina que nossas identidades estão intrinsecamente ligadas às nossas comunidades, e, como tal, é fundamental reconhecer e respeitar a diversidade étnico-racial que enriquece essas comunidades. Integrar esses valores na educação não apenas fortalece os laços entre os indivíduos, mas também cria um ambiente que celebra a interdependência e promove a igualdade e o respeito étnico-racial.

Outro valor civilizatório inerente às culturas afrodiaspóricas e ameríndias é a ancestralidade. O reconhecimento e a valorização da ancestralidade desempenham um papel fundamental na educação antirracista, representando o ato de reconhecer e honrar os saberes daqueles que vieram antes de nós. Os ensinamentos transmitidos por nossos antepassados não são apenas uma parte integral de nossa herança cultural, mas também uma fonte de sabedoria que é passada de geração em geração. Ignorar ou esquecer esses conhecimentos seria um desrespeito à nossa história e às lutas enfrentadas por nossos ancestrais. Portanto, na educação antirracista, o reconhecimento da ancestralidade não apenas fortalece nossas conexões com nossas raízes, mas também nos permite aprender com as experiências e os ensinamentos daqueles que vieram antes de nós, enriquecendo nossa compreensão e contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Mais um valioso valor civilizatório é a memória que tem profunda relevância e desempenha um papel fundamental na educação voltada para a promoção da igualdade racial, interculturalidade e pluriversalidade. Como observado por Azoilda

Loretto da Trindade (2010), a compreensão de que estamos em constante devir e que nossa identidade é moldada por aqueles que vieram antes de nós é essencial. A preservação da memória e o respeito às histórias daqueles que nos precederam e daqueles que sobreviveram a desafios inimagináveis são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Através da educação que valoriza a memória, não apenas celebramos a diversidade cultural e étnica, mas também aprendemos lições valiosas de resiliência e resistência. Isso contribui para a promoção da igualdade racial, ao mesmo tempo que enriquece nossa compreensão da interculturalidade e do conceito pluriversal, onde múltiplas perspectivas culturais coexistem e são valorizadas.

A ludicidade, que também é um valor civilizatório afro-brasileiro, desempenha um papel fundamental em uma educação que busca promover a igualdade racial, interculturalidade e a convivência pluriversal. Ela representa o prazer de viver em comunidade, respeitando uns aos outros e exercendo a empatia e solidariedade. Por meio da ludicidade, as barreiras culturais são superadas, possibilitando a criação de espaços inclusivos onde diferentes perspectivas culturais são valorizadas. Além disso, o aspecto lúdico da educação torna o processo de aprendizado mais envolvente e eficaz, promovendo a compreensão e a cooperação entre todas as pessoas. Ao integrar a ludicidade na educação, não apenas fomentamos o respeito mútuo, mas também fortalecemos os valores da interculturalidade e da pluralidade, construindo assim uma sociedade mais justa e harmoniosa.

Um valor civilizatório emblemático é a energia vital ou axé⁸, cujo conceito pode ser designado por diversas culturas com nomenclaturas também diversas, mas que compartilham aspectos essenciais, como a potência de vida presente em cada ser vivo ou não vivo, material ou imaterial. Parafraseando as palavras de Azoilda Loretto da Trindade, essa noção ressalta a vitalidade e o poder intrínseco que reside em todas as formas de vida. No contexto da educação antirracista, o reconhecimento e valorização da energia vital ou axé oferece uma perspectiva valiosa. Ela reforça a ideia de que todos os indivíduos, independentemente de sua origem étnico-racial, possuem uma força vital inestimável, que deve ser respeitada e nutrida. Isso se alinha com os princípios de igualdade, equidade e respeito mútuo,

⁸ Palavra do iorubá que pode ser compreendida como força de realização. Awá (nós); sè(realizar)= asè(realização).

fundamentais na luta contra o racismo e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Essa reflexão nos remete mais uma vez aos ensinamentos de Nelson Mandela (1994),

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.(Mandela, 1994, p.384)

E por fim, mas não menos importante, temos o valor civilizatório da oralidade. Esse valor perpassa todas as nossas formas de aprender e ensinar ancestrais. A tradição oral é uma parte fundamental das culturas afro-brasileiras, transmitindo histórias, conhecimentos e experiências de geração em geração. Na educação antirracista, a oralidade desempenha um papel crucial na promoção da igualdade racial. Ela permite que as vozes da comunidade afrodescendente sejam ouvidas, compartilhando narrativas que frequentemente foram marginalizadas na história oficial. Ao valorizar a oralidade, a educação se torna um espaço para a diversidade de perspectivas e conhecimentos, enriquecendo a compreensão da história, cultura e contribuições das comunidades afro-brasileiras. Isso é essencial para a luta contra o racismo e para construir uma sociedade antirracista que celebra a pluralidade e a igualdade.

Contudo, é importante reconhecer que a educação antirracista não se limita ao ensino de conteúdo para cumprimento da legislação, mas engloba uma transformação profunda na maneira como entendemos e valorizamos a diversidade étnico-racial em nossa sociedade, os saberes ancestrais e as relações intra e interpessoais. Ao incorporar esses valores civilizatórios em nossa educação, estamos dando um passo significativo em direção a uma sociedade mais justa, onde a igualdade racial é não apenas um ideal, mas uma realidade a ser alcançada. Nesse caminho, a educação se torna a poderosa ferramenta para promover a mudança e construir um mundo mais inclusivo e igualitário.

3. METODOLOGIA

Un son mon ka ta toka palmu.
Uma mão sozinha não bate palmas.
Provérbio Guineense

Nesta seção, abordaremos a metodologia utilizada mais especificamente no curso de formação docente "Roda que Roda - Educar para as Relações Étnico-Raciais", oferecido semestralmente aos professores, professoras e gestores(as) da rede municipal de Juiz de Fora. Em cada módulo, promovemos discussões sobre a educação antirracista, interétnica, intercultural e inclusiva, com o propósito de desconstruir ideias discriminatórias e estimular reflexões sobre práticas pedagógicas que não reproduzam estereótipos e preconceitos. Ao longo do curso, abordamos uma variedade de tópicos, incluindo: Educação para as Relações Étnico-Raciais e seus conceitos, práticas pedagógicas contra-hegemônicas e pluriversais, indicadores da qualidade na educação – Relações Raciais na Escola, valores civilizatórios afro-brasileiros, filosofias afroindígenas e cosmogonia africana, intersecções e práticas pedagógicas, cineclube enfocando questões afroindígenas e representatividade na mídia (positiva/negativa), rodas de mediação de leitura, contação de narrativas, músicas e brincadeiras interculturais. Após a pandemia, o curso migrou para um formato de encontros quinzenais remotos síncronos e incluiu atividades extracurriculares assíncronas, como a criação de portfólios, resenhas e planejamento de aulas.

A composição metodológica do curso é influenciada por uma variedade de abordagens pedagógicas que enfatizam a inclusão e a representatividade étnico-racial. As "pretagogias" são fundamentais nesse processo, pois são práticas, metodologias e epistemologias de ensino baseadas nas experiências, histórias e sabedorias dos povos africanos e afro-brasileiros. O termo "pretagogia" (PETIT, 2015), derivado de "preto" e "pedagogia", visando resgatar e valorizar os conhecimentos e métodos educacionais oriundos das culturas negras, muitas vezes marginalizados no cenário educacional tradicional. Ao adotar as pretagogias, buscamos desconstruir estereótipos e preconceitos, promovendo uma visão mais equitativa do papel dos negros na formação cultural, histórica e social.

Sandra Haydée Petit (2015) é uma referência importante no campo das pretagogias, desenvolvendo uma metodologia formativa voltada para professores

em quilombos, com abordagem afrocentrada⁹. Essa proposta pedagógica valoriza a integração de práticas educativas fundamentadas nas vivências, culturas e histórias afro-brasileiras e africanas. No nosso curso, promovemos abordagens pedagógicas que incorporam perspectivas afrocentradas, valorizando a história, a cultura e as contribuições das comunidades afrodescendentes, incentivando a identificação e o orgulho da ascendência afro-brasileira.

Além das pretagogias, nossa metodologia também se inspira em pedagogias afro diaspóricas e ameríndias, fundamentadas em tradições educacionais comunitárias. Utilizamos narrativas, provérbios, músicas, danças e simbologias como ferramentas de ensino e aprendizado, promovendo uma visão de mundo interconectada e holística, que valoriza a espiritualidade, a comunidade e a inter-relação com a natureza.

As cosmogonias africanas, as filosofias afroindígenas e as cosmovisões ancestrais também desempenham um papel importante em nossa composição metodológica, enfocando a espiritualidade, a relação com a terra e os antepassados. Valorizamos a oralidade, que abrange narrativas, histórias e provérbios como formas ancestrais de expressão da cultura africana e afro-brasileira.

Todas essas metodologias se traduzem em um ambiente de aprendizado inclusivo, colaborativo e diversificado, formando educadores e educadoras a se tornarem agentes de mudança comprometidos com a promoção da igualdade racial e a desconstrução do racismo nas instituições educacionais. Através dessas abordagens variadas, buscamos formar professoras, professores e gestores(as) comprometidos com a promoção da educação antirracista e pluriversal.

4. ANÁLISES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A lua move-se lentamente, mas cruza a cidade.
Provérbio Africano

A questão étnico-racial transcende o mero combate ao racismo, requerendo uma formação continuada docente que vá além do básico, a fim de promover uma escola verdadeiramente antirracista e inclusiva. Segundo Oliveira (2003), em um

⁹ O termo "afrocentricidade" descreve uma perspectiva que coloca a África e a diáspora africana no centro de análises históricas, culturais e políticas (ASANTE, 2014).

sistema integrado [que em nosso contexto chamamos de rede], a organização social não é caracterizada pela homogeneidade, mas pela heterogeneidade onde distinto é considerado e o diferente é não apenas aceito, mas desejado. A diversidade é reconhecida como a promotora da flexibilidade, destacando sua capacidade de adaptação e re-significação, sendo fundamental analisar os desafios e possibilidades envolvidos nesse processo diverso e pluriversal de ampliação qualificada do repertório docente.

Diante dessa reflexão, e analisando nosso percurso formativo nas dez turmas oferecidas do curso “Roda que Roda - Educar para as Relações Étnico-Raciais”, e nas duas edições da “Formação Interseccional” que ainda está em andamento, podemos refletir sobre os seguintes desafios:

Urgência em sensibilizar e conscientizar os docentes sobre a existência de preconceitos raciais arraigados nas práticas pedagógicas cotidianas e a necessidade de desconstruí-los, pois muitos educadores não reconhecem a presença de estereótipos ou preconceitos em seu próprio imaginário e prática pedagógica, tornando a desconstrução um processo crucial e permanente que requer um esforço de autorreflexão e autoconhecimento contínuo por parte dos docentes.

A resistência à mudança é um grande desafio em qualquer processo de formação continuada. Percebemos que alguns docentes sentem-se desconfortáveis ou relutantes em adotar práticas pedagógicas antirracistas, especialmente quando essas práticas diferem substancialmente de suas convicções e tradições familiares. Superar essa resistência exige um ambiente de apoio e encorajamento coletivo às vivências e à adoção de novas abordagens.

Outro desafio é que a formação docente requer acesso a recursos educacionais, materiais de ensino e informações atualizadas sobre questões étnico-raciais. A falta desses recursos acaba sendo um obstáculo significativo e reflete muitas vezes gestões escolares que não priorizam um acervo verdadeiramente intercultural e inclusivo. Portanto, é fundamental garantir que os docentes tenham acesso a materiais e recursos que os auxiliem na implementação de práticas pedagógicas antirracistas.

Infelizmente, ainda nos deparamos com escolas onde um número considerável de docentes demonstra resistência à implementação de práticas antirracistas, criando um ambiente desafiador para os educadores que buscam

promover mudanças. A resistência institucional pode dificultar a implementação de políticas antirracistas, tornando necessário um esforço coletivo para superá-la.

E por fim, um grande desafio institucional é aumentar o quantitativo de professores, professoras e gestores(as) que façam pelo menos um semestre do curso de formação continuada em relações étnico-raciais (com 75% de frequência), bem como também percebemos a necessidade da ampliação do número de cursos/formações nessa perspectiva, visando um impacto mais efetivo nas práticas pedagógicas antirracistas e nas ações de promoção da igualdade racial no município. Foi contabilizado o seguinte quantitativo de cursistas nos cursos oferecidos pela Supervisão de Atenção à Educação na Diversidade (DIAE/SAEDI/SE) no recorte temporal 2016-2023, sem levar em consideração que alguns cursistas participaram de mais de um semestre:

Tabela 01 - Roda que Roda - Educar para as Relações Étnico-Raciais

Turma	Quantitativo de Cursistas
Turma 01 - 2º semestre de 2016	21 cursistas
Turma 02 - 1º semestre de 2017	24 cursistas
Turma 03 - 2º semestre de 2017	21 cursistas
Turma 04 - 1º semestre de 2018	21 cursistas
Turma 05 - 2º semestre de 2018	13 cursistas
Turma 06 - 1º semestre de 2019	21 cursistas
Turma 07 - 2º semestre de 2019	22 cursistas
Turma 08 - 2º semestre de 2022	22 cursistas
Turma 09 - 1º semestre de 2023	18 cursistas
Turma 10 - 2º semestre de 2023 (em andamento)	23 cursistas
Total	Totalizando 216 cursistas

Fonte: A autora

**Tabela 02 - Formação Interseccional: Relações Étnico-Raciais,
Gênero e Sexualidades nas Escolas**

Edição	Cursistas - 75% de frequência	Visualizações das Lives Formativas (as lives foram/são públicas)¹⁰
1ª Edição	11	1.915 visualizações
2ª Edição (em andamento)	10	1.305 visualizações
Total	21	3.220 visualizações

Fonte: A autora

Após a reflexões acerca dos desafios a serem superados, podemos vislumbrar uma gama de possibilidades no horizonte, entre elas, que a formação continuada proporciona oportunidades para sensibilizar os educadores, educadoras e gestores(as) sobre as experiências das crianças , jovens e adultos negros e negras. Isso pode gerar empatia e um compromisso mais forte em promover a igualdade racial, tornando os docentes mais conscientes das necessidades e desafios enfrentados por esses estudantes.

Outra possibilidade é que os educadores, educadoras e gestores(as) que passam por formação continuada têm acesso a novos recursos, estratégias e metodologias que podem enriquecer sua prática pedagógica, tornando-a mais inclusiva e antirracista. Isso inclui a incorporação de literatura afroindígena, o reconhecimento dos saberes ancestrais nas mais diversas áreas do conhecimento, bem como a apropriação de diversos materiais que reflitam a diversidade étnico-racial e ampliação do repertório docente.

Mais uma grande possibilidade percebida é que a formação continuada pode contribuir para uma mudança na cultura escolar, promovendo o reconhecimento da diversidade, o respeito à diversidade étnico-racial e a valorização das diferentes perspectivas histórico-culturais. Isso cria um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para todos e todas.

Também percebemos enquanto possibilidade que educadores, educadoras e gestores(as) formados em práticas antirracistas têm a oportunidade de se envolver

¹⁰ [*Quantitativo de visualizações em 12 de outubro de 2023. Os valores podem aumentar pois as lives permanecem disponibilizadas no canal do Youtube da Secretaria de Educação: Anunciar: tempo de cuidar, aprender e transformar - @anunciarSE-PJF.]

mais profundamente com as comunidades escolares e as famílias dos alunos, fortalecendo os laços de confiança e cooperação. Isso pode resultar em vínculos mais sólidos entre escolas, famílias e comunidades na promoção da igualdade racial.

E finalmente, percebemos a grande viabilidade da formação continuada permanente, pois ela oferece espaço para o desenvolvimento profissional contínuo, incentivando os docentes e gestores(as) a se manterem atualizados e comprometidos com a promoção da igualdade racial. Isso promove uma cultura de aprendizado constante e ressignificações inerentes às mudanças na sociedade e na educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecimento sem sabedoria é como a água na areia.
Provérbio Africano

Em meio a um contexto de crescente sensibilização sobre a importância da promoção da igualdade racial e da justiça social, este artigo explorou os desafios e as possibilidades da formação continuada docente no Município de Juiz de Fora no que diz respeito às relações étnico-raciais com recorte nos cursos oferecidos pela Supervisão de Atenção à Educação na Diversidade (SE/DIAE/SAEDI). Ao longo deste artigo, destacamos a necessidade de transcender o legítimo combate ao racismo e avançar em direção a uma escola verdadeiramente antirracista e inclusiva, ou conforme Angela Davis (2016), “numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”.

Na seção de referencial teórico deste artigo, exploramos a importância de iniciativas como o projeto “Escola de Ábá”, o curso de formação “Roda que Roda - Educar para as Relações Étnico-Raciais”, e a “Formação Interseccional”, que subsidiam a educação para a promoção da igualdade racial como política pública de combate ao racismo. Essas iniciativas contribuem para a efetivação das leis que alteraram a LDB 9394/1996, tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afroindígena nas escolas, como a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008.

Além disso, analisamos onze valores civilizatórios afro-brasileiros, conforme descritos por Azoilda Loretto da Trindade, e que são fio condutor

teórico-metodológico do curso “Roda que Roda”. Esses valores, como a circularidade, a religiosidade, a corporeidade, a musicalidade, o cooperativismo, o comunitarismo, a ancestralidade, a memória, a ludicidade, a energia vital (axé) e a oralidade, desempenham um papel fundamental na promoção da igualdade racial, na construção de uma sociedade intercultural e pluriversal, e na educação antirracista. Cada um desses valores traz consigo ensinamentos valiosos, que podem ser incorporados no currículo escolar e nas práticas para criar ambientes inclusivos, antirracistas, respeitosos e enriquecedores.

O entendimento de que a heterogeneidade, em vez da homogeneidade, é a força motriz da organização social em um sistema integrado, nos instiga a reconhecer o diverso e abraçá-lo como elementos fundamentais de uma rede antirracista. Essa perspectiva é notadamente observada na composição metodológica utilizada pelo curso de formação “Roda que Roda” e apresentada na seção metodologia, abordando ideias e práticas pedagógicas interculturais, que celebram a diversidade e a interdependência como elementos centrais nas relações humanas.

No entanto, na seção de análises, identificamos vários desafios que permeiam a jornada da formação continuada docente na promoção das relações étnico-raciais, como a sensibilização e conscientização dos docentes sobre a presença de preconceitos raciais arraigados em suas práticas pedagógicas cotidianas, a resistência à mudança, a falta de acesso a recursos educacionais e a resistência institucional, destacam-se como obstáculos significativos. A avaliação efetiva do impacto da formação continuada é outra questão crucial, uma vez que é preciso aumentar o número de docentes e gestores(as) que participem de pelo menos um semestre do curso de formação continuada em relações étnico-raciais, pois o envolvimento de todos e todas é fundamental para o avanço das conquistas das políticas de ensino antirracistas do município.

Contudo, as possibilidades percebidas na formação continuada antirracista também se destacam. Ela pode sensibilizar os educadores para as experiências das crianças, jovens e adultos negros e negras, fornecer acesso a novos recursos e metodologias, promover uma mudança na cultura escolar, fortalecer o envolvimento com a comunidade e incentivar a formação continuada permanente.

Em síntese, o caminho em direção a uma educação antirracista é desafiador, mas também promissor. Para enfrentar os desafios, é necessário um compromisso

coletivo com a justiça racial, a igualdade e a equidade. Os educadores, educadoras e gestores(as) desempenham um papel fundamental nessa jornada, fertilizando o solo para as próximas gerações com valores pluriversais como o respeito, à diversidade e a inclusão. Há um antigo provérbio africano que diz que “a esperança é o pilar do mundo”, e é nossa esperança que este artigo tenha contribuído para o diálogo sobre como superar esses desafios e multiplicar as possibilidades de uma educação verdadeiramente pluriversal e antirracista em Juiz de Fora.

6. REFERÊNCIAS

- Anunciar SE-PJF. Canal do YouTube. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@anunciarSE-PJF/streams> . Acesso em 12 Out. 2023.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade a teoria de mudança social. Afrocentricidade Internacional, 2014.
- Evaristo, Conceição (2017). Becos da Memória. 200p. Rio de Janeiro: Pallas.
- COLLINS, P. H. Interseccionalidade as Critical Social Theory. 1. ed. Durhan and London: Duke University Press, 2019.
- CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf> Acesso em: 12 out. 2023.
- Davis, Angela. Mulheres, raça e classe. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Educação em Foco : revista de educação / Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Centro Pedagógico – vol. 21, n. 3 (set. 2016/dez. 2016) – Juiz de Fora : EDUFJF, 2015.
- Mandela, Nelson. "Lighting your way to a better future." Discurso proferido no lançamento do Mindset Network, Planetarium, University of the Witwatersrand, Johannesburg, South Africa, 16 de julho de 2003.
- Mandela, Nelson. Long walk to freedom: The autobiography of Nelson Mandela. Nova Iorque: Little Brown and Company, 1994.
- Nogueira, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. In: Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, v. 18, p. 62, 2012.

OLIVEIRA, E. D. Cosmvisão africana no Brasil – Elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afro ancestral e tradição oral: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. In: Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres / [organização Ana Paula Brandão]. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2010. (A cor da cultura ; v.4).

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. In: Modos de brincar: caderno de saberes, fazeres e atividades / [organização Ana Paula Brandão]. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2010. (A cor da cultura ; v.5).